

O autoritarismo na ficção de Christa Wolf e Christoph Hein

Rosani Ursula Ketzer Umbach¹
UFSM

Este trabalho tem por objetivo analisar representações de autoritarismo em obras da literatura alemã contemporânea. Entre os autores selecionados estão Christa Wolf e Christoph Hein. Eles têm em comum, além de serem oriundos da extinta República Democrática Alemã (RDA), o fato de retratarem sistemas autoritários e tematizarem fatos históricos, que podem ser relacionados com a repressão ocorrida durante a vigência do regime socialista na RDA.

Entre as obras dos autores abordados, foram escolhidas *Der Fremde Freund* (1982), de Christoph Hein, e *Nachdenken über Christa T.* (1968) e *Was bleibt* (1990), ambas de Christa Wolf. Nelas, é tematizada a angústia das personagens frente ao autoritarismo, cuja representação aponta características muito semelhantes às do sistema vigente na RDA, que constituiu a zona de ocupação soviética desde o final da II Guerra Mundial até a queda do Muro de Berlim, em 1989. O socialismo alemão foi implantado nos moldes do regime soviético: composto pelos dirigentes máximos do partido socialista, o governo tentava impor a ideologia oficial, cercado a mobilização política dos indivíduos; havia uma forte repressão a manifestações de contrariedade, com o apoio de um serviço de espionagem e órgãos de censura institucionalizados.

Dentro do regime socialista alemão, a repressão - entendida aqui como movimento que visa a suprimir uma oposição real ou imaginária - era aguçada em situações de crise política. Por ocasião do levante de trabalhadores em junho de 1953, por exemplo, tanques soviéticos reinstauraram a 'ordem', reprimindo os protestos. Nos anos seguintes, intelectuais

que pediam reformas foram presos, professores universitários perderam o direito à docência, escritores foram proibidos de publicar. Em 1961, com a construção do Muro de Berlim, os cidadãos perderam o direito de viajar para o lado ocidental; viajar passou a constituir-se em um privilégio concedido pelo Estado em troca do apoio ao sistema vigente. O serviço secreto, denominado “Staatssicherheitsdienst” ou simplesmente “Stasi”, estendeu sua rede de espionagem por todo o país, ameaçando não só os intelectuais, mas também os trabalhadores.

Cenários de insegurança e medo, de repressão, são retratados nas obras dos autores aqui abordados. Eles viveram o período autoritário do regime socialista em seu país, sendo que ambos tiveram contato com o autoritarismo do regime nazista na juventude. Enquanto Christoph Hein, que começou a publicar em 1980, e Christa Wolf, que iniciou sua carreira literária em 1962, sempre permaneceram no lado oriental, vários outros escritores mudaram-se para a Alemanha Ocidental.

Segundo era prática na extinta RDA, os escritores tinham de submeter seus textos a todas as instâncias da pré-censura: editora, ‘Lektor’, chefe da editora e departamento de publicações do Ministério da Cultura. Mesmo assim, ainda havia casos de pós-censura, quando livros já publicados não obtinham permissão para serem reeditados. Isso ocorreu com a obra *Nachdenken über Christa T.*, que foi submetida à pré-censura, foi publicada e, depois de esgotada a primeira edição, não pôde ser reeditada por vários anos na RDA. Também houve pequenos cortes em sua obra *Kassandra* (1983), motivados pela censura. Christoph Hein, embora não tenha sofrido censura direta em seus textos, condenou-a em um famoso discurso no X Congresso dos Escritores da RDA em 1987, classificando-a como “prescrita, inútil, paradoxal [...]” (HEIN, 1990, p.144s.).

Christa Wolf e Christoph Hein fazem parte de um grupo de escritores da RDA que, embora tentasse manter uma posição crítica em relação ao regime socialista, permaneceu-lhe leal até o fim. Imbuídos de uma visão anti-imperialista, esses escritores, ao mesmo tempo “críticos e leais” (DOMDEY, 1996, p.167), pregavam a reforma do sistema, cujas mazelas eram incontestáveis. Mas, para que a ‘opção Socialismo’ pudesse ser mantida, continuavam aliados ao regime. Esse grupo diferia essencialmente dos autores que migraram para o lado ocidental pela natureza de suas críticas: enquanto os primeiros visavam à reforma do sistema, os outros faziam uma crítica ao sistema como um todo².

No contexto da literatura alemã contemporânea, Christa Wolf é considerada uma das mais importantes autoras da RDA e, devido à sua projeção também na Alemanha Ocidental, uma das maiores escritoras da Alemanha unificada. Ela sempre fez da RDA um de seus temas principais. Christoph Hein, de uma geração posterior, é considerado um grande prosador e dramaturgo, cujo tema recorrente são conflitos do cotidiano na RDA. Ao mostrar a dor e os sofrimentos da vida na RDA, através de personagens calcadas em pessoas comuns, retrata seu dia-a-dia no trabalho e na vida particular em *Der fremde Freund*, publicado em 1982. Também realista e crítico é o retrato da Alemanha Oriental feito por Christa Wolf tanto em *Nachdenken über Christa T.*, em que ela tematiza as possibilidades de auto-realização no socialismo, como em *Was bleibt*, onde ela mostra os métodos de espionagem que eram usados contra a população na extinta RDA. Embora tenha escrito esse livro em 1979, a autora só liberou sua publicação dez anos depois, quando o regime socialista havia caído, caracterizando, com isso, um caso de auto-censura.

***Der fremde Freund* (Christoph Hein, 1982): angústia, medo e silêncio**

A personagem central da novela de Christoph Hein, a médica Claudia, é retratada como sendo uma pessoa extremamente solitária, que esconde sua vulnerabilidade sob um manto de frieza. Uma das experiências que mais a marcaram em seus tempos de adolescência

é a chegada de um tanque à sua cidade. A cena faz referência ao dia 17 de junho de 1953, data histórica na RDA, em que ocorreu um levante de trabalhadores, insatisfeitos com a situação nas fábricas, onde era exigido um aumento constante de produção. O levante foi reprimido pelos tanques soviéticos, que se tornaram um símbolo de repressão na literatura produzida na RDA.

Em *Der fremde Freund*, a chegada de um tanque à pequena cidade provoca perplexidade na população, que entretanto não se manifesta sobre o assunto, com medo da repressão. Também na escola não se fala sobre o estranho acontecimento; a professora, agitada, passa mal e é levada para casa por dois alunos. O pai de Claudia a aconselha a não fazer perguntas na escola, nem discutir sobre o fato, pois não seria o momento oportuno. E, de fato, “nenhum dos alunos quis saber algo, e os professores, igualmente, nada disseram.” (145 – Tradução minha; citações seguintes, idem) As lembranças de Claudia sobre a reação das pessoas à chegada do tanque explicam a causa do silêncio dos adultos: “Não entendi por que não se podia falar sobre o assunto. Mas como realmente nenhum dos adultos falava sobre o tanque, percebi que uma conversa também podia ser algo perigoso. Senti o medo dos adultos de falarem uns com os outros. E fiquei quieta, para que eles não precisassem falar.” (145-6) O medo das pessoas de expressar sua opinião diante de acontecimentos políticos é típico de regimes ditatoriais, que usam a força, simbolizada pelo tanque, para reprimir manifestações da população. A adolescente Claudia associa esse medo de falar abertamente sobre fatos políticos com outro sentimento, que teve ao ouvir as explicações de sua mãe sobre sexualidade: “Eu temia que, depois de uma conversa importuna imposta a eles sobre um de seus tabus, novamente seres repugnantes, com doenças venéreas, me seguiriam para dentro dos meus sonhos. Eu aprendi a calar.” (146) Assim, sentimentos de medo e angústia se misturam e influenciam a postura adotada pela personagem daí por diante.

***Nachdenken über Christa T.* (Christa Wolf, 1968): frustração com a falta de perspectivas**

Duas são as personagens-chave em *Nachdenken über Christa T.*: uma é a narradora em primeira pessoa, cujo nome não é revelado, sabendo-se apenas que é escritora e que foi companheira de estudos e amiga de Christa T., a segunda personagem-chave, que morre aos 35 anos de idade, vítima de leucemia. Após a sua morte, a narradora se propõe a retratar a vida da amiga, incluindo anotações de diário e fragmentos de textos encontrados em seu espólio.

Na pequena introdução que faz à sua narrativa, a personagem narradora justifica sua escrita sobre a amiga, afirmando que não o faz por ela, e sim porque “nós precisamos dela” (8). Esse “nós” inclui não só os leitores, mas sobretudo a geração das pessoas que viveram na mesma época histórica na qual ambas as personagens estão inseridas, passando pelas profundas transformações ocorridas na Alemanha com a II Guerra Mundial.

Nascidas no final da década de 20 numa região hoje pertencente à Polônia, ambas as personagens passaram os anos da infância e da juventude sob o Nazismo, fugiram da invasão russa ao final da Guerra, fixando-se na Alemanha Oriental. Estudaram Germanística em Leipzig, preparando-se para serem escritoras.

Socialista convicta, o objetivo maior de Christa T. é a auto-realização no “novo mundo” (53), no socialismo, e isso através da escrita, pois sente que “somente através da escrita consigo superar as coisas” (37). Além disso, Christa T. vê nessa profissão uma possibilidade de engajar-se na construção dos ideais socialistas. No entanto, suas tentativas de escrever sempre fracassam: no início, predominam as dúvidas em relação a si própria, porque se dá conta de sua “incapacidade de dizer as coisas como elas são” (37); mais tarde, impacienta-se com a estagnação da sociedade e a falta de perspectivas de concretizar logo os

ideais socialistas: “Quando – se não agora? Quando se deve viver, se não no tempo que se tem à disposição?” (72) Essa pergunta, feita no verão de 1953 – uma referência ao levante dos trabalhadores ocorrido na RDA em 17 de junho daquele ano – denota a desilusão da personagem em relação ao socialismo existente, bem diferente daquele idealizado, cuja realização era sempre postergada para o futuro. “Tudo se opõe a mim de forma estranha, como um muro. Tateio as pedras com as mãos, nenhuma abertura. [...] Nenhuma abertura para mim.” (72) Sentindo “um frio em todas as coisas”, Christa T. lança-se a outras atividades: auxilia o marido em suas tarefas, dedica-se à educação das três filhas e à construção de uma nova casa. Entretanto, sente-se freqüentemente cansada, não tanto pelo que faz, e sim pelo que “deixa de fazer ou não pode fazer” (136): escrever.

Apontar os motivos que levaram Christa T. a fracassar como escritora é um dos objetivos da narradora. Isso fica claro quando ela resume esses motivos no capítulo 17, que considero central na narrativa. Levando em conta o contexto da política cultural repressiva existente na RDA e o fato de Christa Wolf ter participado das discussões literárias na 11. Plenária do Partido em 1965, fica-se com a impressão de que a autora moldou a narradora de acordo com suas próprias convicções, fazendo dela a porta-voz de suas angústias e desilusões.

***Was bleibt* (Christa Wolf, 1990): angústia e bloqueio psíquico**

A narrativa tem como tema a angústia da personagem central, uma escritora de meia idade, que está sendo espionada pelo serviço secreto de segurança do Estado. Bloqueada pela angústia, a escritora não consegue escrever. Na tentativa de superar o bloqueio, a personagem volta-se para dentro de si mesma, buscando, através de um processo de conscientização, retornar ao caminho da autonomia.

O tema das reflexões da personagem narradora é o efeito da espionagem sobre sua personalidade. Uma das conseqüências da repressão a que está sendo submetida seria a intimidação. Segundo a narradora, esta seria exatamente a intenção dos agentes do serviço secreto: “Provocar o medo, que, como se sabe, leva muitas pessoas a transigir, outras a ações precipitadas que, por sua vez, podiam servir de novo como demonstração de indícios para a necessidade da observação.” (21) O medo faz com que a personagem escritora se sinta seqüestrada, conforme sua própria descrição: “Seqüestro, sim, era isso, seqüestrada, em aflições.” (17) Com essa afirmação, a narradora admite sua subjugação e seu medo, causados pela espionagem. Ela se sente tratada como coisa, degradada a objeto.

O fato de a personagem escritora sentir medo até nos momentos em que não está sendo espionada pelos agentes, que normalmente ficam dentro do carro em frente a sua casa, aponta para a internalização do medo. O medo continua agindo, mesmo quando os agentes não estão por perto, e torna-se um fenômeno permanente. Aterrorizada, ela sente sua personalidade ameaçada: “O mais puro horror, eu não sabia que ele se anunciava como insensibilidade.” (80) O efeito do terror sobre a personagem é sua dissolução como sujeito autônomo.

O reconhecimento das estruturas totalitárias de poder e também de suas próprias ilusões pressupõe a superação do medo. Significa enfrentar o processo doloroso de conscientização. A personagem narradora reflete sobre a dificuldade de reconhecer a ‘verdade’ sobre as estruturas da sociedade, de se livrar de ilusões e medos, de ver as próprias fraquezas. O medo de perder a esperança relacionada com o socialismo da RDA e a dor da conscientização causam conflitos de identidade: “Eu mesma. Quem era essa. Qual dos múltiplos seres que constituem ‘eu mesma’. Esse que queria conhecer a si próprio? Esse que queria resguardar-se? Ou aquele terceiro que ainda estava tentado a dançar a mesma música que os jovens senhores lá fora em frente à minha porta?” (57) Com a expressão “jovens

senhores lá fora”, a narradora refere-se aos agentes do serviço secreto que a observam da rua. Para superar seu bloqueio e reconquistar sua autonomia, a narradora precisa acreditar que um dia teria “tirado” de si e escorraçado “aquele terceiro”, e que ela “realmente queria isso”. Isso significa que ela tem de desistir de um de seus “múltiplos seres”, superando sua tendência de concordar com o regime estabelecido e perdendo seu medo da repressão.

A repressão e a destruição da personalidade

Nos três textos aqui abordados, a repressão aparece como causa da destruição da personalidade das personagens retratadas. Em virtude da personalidade destruída, as personagens podem apresentar perda de autonomia e de autoconfiança, sentimentos de angústia, medo e até de completa insensibilidade. Elas estão sujeitas aos ditames do sistema, dependentes da estrutura político-social. Nesse sentido, elas são apresentadas como vítimas da repressão. Entretanto, há diferenças na tipificação das personagens quanto à postura diante da realidade sociopolítica representada: a médica Claudia, de *O amigo distante*, acomoda-se ao sistema, tentando proteger-se por uma aura de invulnerabilidade; Christa T., cujo sonho era ser escritora, é vencida pela desilusão, tendo em vista a falta de perspectivas de ver concretizados os ideais humanistas com os quais sua geração sonhou; já a narradora escritora de *Was bleibt* supera sua crise existencial e retorna à sua independência, que havia perdido temporariamente, voltando a escrever.

A “variante real-socialista, específica, de destruição da identidade” (KRAUSS, 1991, p. 19) está relacionada, nos três textos, com o autoritarismo. O choque, direto ou indireto, com as estruturas repressoras ocasiona a alienação ou, como no caso da personagem narradora de *Was bleibt*, uma ruptura com o sistema e a conseqüente luta por autonomia.

Notas

¹ Professora do Dep. de Letras Estrang. Modernas da UFSM e Pesquisadora do CNPq.

² ENGLER (1994, p. 9-15) descreve, com precisão, o ambiente literário na extinta RDA, abordando suas diferentes fases.

Referências Bibliográficas

- BRINK-FRIEDERICI, Christl. “Em busca de Christa T.”. In: **Antes e depois do Muro**. Anais da VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea. São Paulo: FFLCH/USP, 1994, p. 23-30.
- DOMDEY, Horst. “Kritik und Loyalität. Aspekte einer Typologie der Kritik von DDR-Autoren (Historische Skizze)”. In: **Trilateraler Forschungsschwerpunkt ‘Differenzierung und Integration’**. DFG, Züricher Gesamtsymposium, Boldern, 1995. Hg. von Michael Böhler u.a., Zürich, 1996.
- ENGLER, Erhard. “‘Como era...’ – A literatura da ex-RDA entre engajamento socialista e resistência”. In: **Antes e depois do Muro**. Anais da VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea. São Paulo: FFLCH/USP, 1994, p. 9-15.
- HEIN, Christoph. **Die fünfte Grundrechenart**. Aufsätze und Reden 1987-1990. Frankfurt a.M.: Luchterhand, 1990.
- HEIN, Christoph. **Der fremde Freund**. Berlin, Weimar: Aufbau Taschenbuch, 1993.
- KRAUSS, Hannes. “Mit geliebten Worten das Schweigen brechen”. In: **Text + Kritik**, Hg. von Heinz Ludwig Arnold, Heft 111 Christoph Hein. München, Juli 1991, p.16-27.

- MÖLLER-ZEIDLER, Sabine. *„Literatur und Autoritarismus. Die zensierte Sprache in der Lyrik“*. In:
CZIESLA, Wolfgang u. von ENGELHARDT, Michael (Hg.) **Vergleichende
Literaturbetrachtungen**. München: Iudicium, 1995, p.219-43.
- WOLF, Christa. **Nachdenken über Christa T.** München: DTV, 1993.
- WOLF, Christa. **Was bleibt**. Frankfurt a.M.: Luchterhand, 1990.
- WOLF, Christa. **Voraussetzungen einer Erzählung: Cassandra**. Darmstadt, Neuwied:
Luchterhand, 1983.